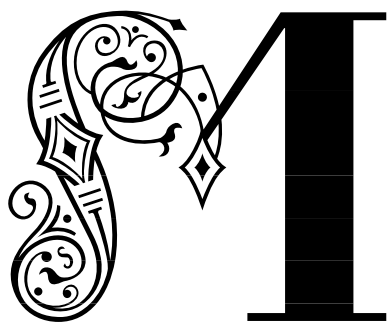


# Folheando o Luxo!



## M. Moleiro

**O País Positivo entrou à conversa com Manuel Moleiro, um empresário galego que tem revolucionado o mercado de edição de livros.**



Manuel Moleiro

Manuel Moleiro é um editor que se encontra estabelecido em Barcelona e que tem vindo a fazer réplicas exatas de manuscritos iluminados e atlas, apreciados em todo o mundo por grandes personalidades, motivo que o leva a ser uma pessoa briosa e orgulhosa do seu trabalho. Só a título de exemplo, João Paulo II tinha, na mesa-decabeceira do seu quarto, uma obra vinda das oficinas de Manuel Moleiro. Só isto mostra a importância das suas réplicas e a qualidade das mesmas.

Foi no Porto, mais concretamente no Palá-

cio da Bolsa, que encontramos Manuel Moleiro quando se preparava para inaugurar a exposição: “Tesouros Bibliográficos (séc. X a XVI): A Arte e o Génio ao Serviço do Poder”. Esta foi uma oportunidade singular para se ver obras-primas da arte da cartografia e do livro como o Atlas Vallard (de 1547), o Breviário de Isabel a Católica (finais do século XV) ou a Bíblia de São Luís (1226-1234). A exposição estará patente até dia 1 de maio e traz ao Porto o que de melhor existe em Nova Iorque, Londres, São Petersburgo ou Paris. Apesar de não serem originais, as 30 cópias expostas no Porto são tão perfeitas e com tanto requinte que é impossível perceber a diferença. Tónica que caracteriza Manuel Moleiro em todo o seu percurso.

### ATLAS UNIVERSAL DE FERNÃO VAZ DOURADO

A oficina M. Moleiro Editor tem como base a perfeição e o requinte e junta agora ao seu leque de cópias exatas o “Atlas Universal de Fernão Vaz Dourado” que, nas palavras do diretor geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), Silvestre Lacerda, é um dos maiores tesouros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e um marco na cartografia internacional. Este Atlas, de 1571, é uma obra que deslumbra e impressiona qualquer pessoa. Apesar de pouco se saber sobre o autor do original, Fernão Vaz Dourado foi responsável pela elaboração de cinco atlas e era detentor de uma capacidade única de as-

sociar o domínio da topografia do terreno às suas competências enquanto militar.

Entrevistamos Manuel Moleiro e foi impossível não ficar contagiado pela paixão que o editor deposita em cada um dos seus livros que faz com que cada uma das cópias seja tão fiel ao original, até nos mais ínfimos detalhes.

### Como surge este interesse pelos livros antigos?

Desde sempre que me interesso pelos livros antigos, pelos clássicos, pelas obras-primas da cultura. Mas foi há cerca de 25 anos que decidi dedicar-me totalmente à arte de fazer clones dos manuscritos com as pinturas mais bonitas da Idade Média e do Renascimento. Podemos ver aqui, no Palácio da Bolsa, as mais importantes obras de cada uma das mais importantes bibliotecas nacionais de todo o mundo.

### É fácil conseguir uma autorização para clonar estas jóias bibliográficas?

É realmente muito complicado ter acesso a estas obras pois elas possuem um valor incalculável, quer a nível económico, como artístico e documental. Mas quando em 1991 fiz o clone do Beato de Fernando I – obra presente na Biblioteca Nacional de Espanha – mostrei que o meu trabalho era de tal forma perfeito que produziu um impacto tremendo junto da comunidade que detém estas obras. Ora, penso que foi este sucesso que permitiu a abertura de portas porque, caso tivesse corrido mal, nunca conseguiria ter acesso aos mais importantes livros e documentos internacionais. Tenho quase a certeza que, hoje, nenhuma instituição me negaria o acesso às obras. Já trabalhei com as mais prestigiadas instituições do mundo e, hoje, posso mesmo dizer que são essas entidades que me procuram e não o contrário.

### O que é necessário para reproduzir este tipo de obras?

Para fazer estes clones é preciso, antes de mais, ter a capacidade, financeira e técnica, porque fazer um clone não é algo barato. É necessário fazer impressão sobre pergaminho tratado e preparado previamente para que a obra fique precisamente igual ao original, mantendo a espessura, a textura e mesmo o cheiro. É um trabalho de grande perícia e muito especializado. Por exemplo, a pele tem que ser curtida como se fazia à época pois se utilizarmos os métodos atuais, os poros ficam secos e



**Conferência inaugural, da esquerda para a direita: Dr. Silvestre Lacerda, Diretor-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, Prof. Doutor Francisco Laranjo, Palácio da Bolsa, e D. Manuel Moleiro, Presidente da M. Moleiro editor**

acaba por não permitir colocar o que quer que seja (tintas, ouro, prata, etc.). Temos que ir buscar métodos medievais e todos os detalhes requerem muita precisão e técnica. Aliás, temos que ser capazes, inclusive, de reproduzir defeitos, erros ou marcas características e para isso utilizamos um laser de alta precisão, idêntico ao que se utiliza nas cirurgias oftálmicas.

**Indo um pouco atrás, como consegue que os seus livros tenham o mesmo cheiro dos originais? É que isso é um detalhe impressionante...**

Se no códice existir uma encadernação de pele de cabra, vamos ter que encontrar uma pele de cabra igual e curti-la com métodos da Idade Medieval ou do Renascimento. As próprias costuras são feitas com um fio precisamente igual e se existir madeira, temos que utilizar o mesmo tipo de madeira. Todos os elementos e componentes do livro são replicados e assim conseguimos que mesmo o cheiro seja clonado.

**Como surge o interesse pelo Atlas de Fernão Vaz Dourado?**

Este Atlas é um dos mais importantes da história da cartografia e eu sou um apaixonado por cartografia, tendo já reproduzido muitas obras importantes da era dos Descobrimentos. E sejamos sinceros, desse tempo, as melhores obras de cartografia são portuguesas. Mas não clonamos apenas o Atlas de Fernão Vaz Dourado: fizemos também o Atlas Miller, encomendado por D. Manuel I de Portugal que está presente na Biblioteca Nacional de França, o Atlas Vallard que, apesar de ter sido feito em França, foi cartografado por portugueses e o Atlas de Diogo Homem que está na Rússia. Desta forma, conseguimos ajudar Portugal a recuperar obras nacionais que se encontram fora mas que são de um imenso valor para o país.



**Atlas Universal de Fernão Vaz Dourado – Asia**

**Como podemos caracterizar os livros da M. Moleiro Editor? São cópias de luxo ou de alta qualidade?**

É muito mais do que isso tudo. O nosso trabalho é um clone. Colocando o clone e o original lado a lado não consegue distinguir um do outro.

**E quanto poderá custar uma obra clonada?**  
Antes de mais, é preciso referir que cada edição é certificada, numerada e limitada e, por isso, traz um valor acrescentado. Depois, temos que perceber que nem todas as obras possuem o mesmo número de páginas, encadernações iguais ou mes-

mo o tamanho é sempre o mesmo. Dai que possamos dizer que uma obra da M. Moleiro Editor, S.A. poderá ter um preço que vai dos 300 euros até aos 20 mil. São obras, que dada a sua edição limitada e raridade, pode aumentar o seu preço consideravelmente em relação ao valor de compra.



**Visitantes na exposição**



**Bíblia de S. Luís**